

Futebol se joga em pé e com 11 jogadores!

Soccer is played in stand position and by 11 players!

Almeida, MB

Programa de Pós-graduação em Educação Física (Mestrado) da Universidade Federal de Sergipe

Ao ler o título deste texto, parece que esta é uma informação óbvia e desnecessária, sendo observadas inclusive nas próprias regras do jogo. O problema é que atualmente no futebol brasileiro isso parece ter sido esquecido. De tempos em tempos o estilo de jogo de nosso esporte tem se modificado, e essa modificação parece ter relação direta com a evolução nos aspectos relativos ao treinamento, a fisiologia do exercício, as mudanças de regras e até as melhorias na tecnologia aplicada ao esporte.

Por exemplo, em relação aos métodos de treinamento, pode-se observar um aumento significativo de utilizações dos chamados pequenos jogos ou jogos reduzidos¹. Esta proposta, que por sinal já mostra eco em outras modalidades, como o handebol² e o basquetebol³, tem a proposta de, entre outros aspectos, favorecer a compreensão teórica do jogo para o atleta e deste modo, aumentar sua capacidade para tomadas de decisão¹. Estes exercícios simulam as situações comuns em uma partida e fazem com que cada atleta tenha maior participação. Isso é vital para o crescimento tanto individual como coletivo da equipe, visto que no futebol, pelas dimensões do campo e número de jogadores em ação concomitantemente, há sempre atletas que apresentam menor grau de envolvimento ao longo do tempo. Com isso, é possível que no momento em que sejam solicitados não estejam devidamente preparados para responder.

As tomadas de decisão no esporte têm sido alvo de constantes investigações⁴⁻⁶. Contudo, ainda que estas análises sejam essenciais para o entendimento dos

fatores determinantes da performance técnico-tática dos jogadores, fica no ar uma impressão de que nossos atletas ainda não assimilaram certas premissas que poderiam redirecionar suas tomadas de decisão. A menção no título deste texto que “futebol se joga em pé” traduz uma situação notadamente presente no futebol brasileiro: o jogador prefere cair no chão e pedir falta ao árbitro do que tentar continuar a jogada até o gol. Este é um tipo de tomada de decisão equivocada. Vamos analisar uma situação hipotética. O atacante tem a bola e segue em direção à meta adversária quando é tocado lateralmente por um defensor. Ao invés de tentar seguir o lance, o atacante cai ou desiste da jogada e olha para o árbitro solicitando a marcação de uma falta.

Se prestarmos atenção ao desempenho de Pelé, Garrincha, Zico, Maradona, Ronaldo e, no presente momento, Lionel Messi, verificaremos que estes atletas, expoentes inquestionáveis da modalidade, sempre fizeram a opção de tentar seguir o lance. Qual razão para isso? Seguir o lance tende a colocar o atacante em movimento com maior repertório de opções a serem tomadas, com a bola a uma menor distância até o gol (entre 6 e 10 metros), e com menos adversários (obstáculos) até o objetivo talvez cerca de dois a quatro jogadores. Se parar e pedir falta (contando que o árbitro interprete o lance da mesma forma) o atacante agora tem a bola a uma distância substancialmente maior (20 a 25 metros), com vários obstáculos à sua frente (de 8 a 14 jogadores, contando com os da sua própria equipe), e com menos opções para ação.

Leve-se em consideração ainda que a lei da vantagem protege o atacante nestas situações, ou seja, cair no chão ao primeiro contato não parece ser a opção mais interessante.

Um outro aspecto mencionado no título diz respeito à quantidade de atletas em campo. Novamente, parece óbvio que o futebol se joga com 11 jogadores. Se formos fazer uma análise matemática do número de cartões amarelos e vermelhos distribuídos nos jogos, poderemos ficar com a sensação de que os árbitros são bastante rigorosos ou que a violência do jogo tem aumentado. Mas curiosamente, o que muitas vezes ocorre é que as atletas recebem um cartão amarelo por consequência de uma tomada de decisão equivocada. E a lista é grande: punições por reclamação (alguém já viu árbitro voltar atrás em sua decisão após reclamação?), por tirar a camisa na comemoração do gol, por retardar o jogo intencionalmente, seja na reposição da bola ou até no momento da substituição, chutar a bola para o gol após a marcação do impedimento, além de faltas no ataque ou no meio de campo. Note que nenhuma dessas situações representa perigo de gol, o que poderia explicar sua atitude.

Quando somamos as situações com e sem perigo de gol, percebemos que a chance de um jogador ficar vulnerável a receber o segundo cartão amarelo (e ser excluído do jogo) passa a ser grande. Considerando que existem faltas que são estrategicamente justificadas para se evitar um gol adversário (como num contrataque), este jogador vê-se momentaneamente em conflito, pois deve decidir entre permitir a tentativa de gol do adversário ou comentar a falta e receber um cartão amarelo. Nunca foi noticiado pela imprensa que algum clube puniu atletas que receberam cartões em decorrência de atos de irresponsabilidade perante o grupo (como os listados acima). Um atleta de futebol precisa entender, desde as categorias de formação, que ele faz parte de um grupo, o qual depende dele tanto, quanto de todos dos demais integrantes. Sendo assim, o segundo cartão amarelo faz com que sua equipe passe a jogar até o fim da partida

com inferioridade numérica, o que sobrecarrega física e emocionalmente os outros jogadores e compromete as ações táticas pré-determinadas pelo treinador. Quando o jogador recebe um cartão vermelho, além da ausência imediata, há também a suspensão automática da partida seguinte, ou seja, além do prejuízo tático-estratégico desta partida, o treinador terá uma limitação para a escalação e organização das plataformas de jogo em sua equipe.

Sumarizando, podemos destacar que além do ensino e aperfeiçoamento técnico-tático, é preciso que os atletas tenham também uma compreensão teórica mais ampla da modalidade e da sensibilização de que suas atitudes podem gerar grandes prejuízos à equipe (inteligência emocional). Quanto mais subsídios que favoreçam as tomadas de decisão dos jogadores, melhor poderá ser seu aproveitamento e de sua equipe em campo.

Referências

1. Leães CGS, Xavier BC. Relevância do treinamento em espaço reduzido para o desenvolvimento dashabilidades de tomada de decisão e autonomia no jogador de futebol. *Rev Bras Futebol* 2011;4(1): 21-29.
2. Buchheit M, Laursen PB, Kuhnle J, Ruch D, Renaud C, Ahmaidi S. Game-based training in young elite handball players. *Int J Sports Med* 2009;30(4):251-8.
3. Atl H, Köklü Y, Alemardoğlu U, Koçak FU. A comparison of heart rate response and frequencies of technical actions between half-court and full-court 3-a-side games in female high school basketball players. *J Strength Cond Res*, [Epub ahead of print] 2012 Mar 28
4. Diaz del Campo DG, Gonzalez Villora S, Garcia Lopez LM, Mitchell S. Differences in decision-making development between expert and novice invasion game players. *Percept Mot Skills* 2011;112(3):871-88.
5. Raab M, Laborde S. When to blink and when to think: preference for intuitive decisions results in faster and better tactical choices. *Res Q Exerc Sport* 2011;82(1):89-98.
6. Memmert D, Roth K. The effects of non-specific and specific concepts on tactical creativity in team ball sports. *J Sports Sci* 2007;25(12):1423-32.